

## Crises Humanitárias?

*Doçura como uma arma ética significa que não vamos responder na lógica do outro*

- Anne Dufourmantelle

"Is gentleness sufficient to heal? It equips itself with no power, no knowledge. Embracing the other's vulnerability means that the subjects cannot avoid recognizing his own fragility. This acceptance is a force; it makes gentleness a higher degree of compassion than simple care. To empathize, to "suffer with" is to experience with the other what he feels, without giving in to it. It means being able to open yourself up to others, their grief or suffering, and to contain that pain by carrying it elsewhere. But gentleness is not only a principle of relation, regardless of the intensity behind it. It makes way for what is most singular in others. If the attention of gentleness, in the sense intended by Patočka as "care for the soul," beckons to our responsibility as human beings toward the world around us, toward the beings making up this world and even toward the thoughts we commit to it, then gentleness is part of an intimate connection to animality, to the mineral, the vegetal, the stellar" (Anne Dufourmantelle)

Um regime de violência chama a todas as ameaças à sua estabilidade violentas e afirma a sua violência como necessária, obrigatória como coerção justificável e funciona através da lei, como lei, legal e justificada presumivelmente porque é a lei. (Walter Benjamin) Será que podemos ser não violentos? Que vidas defenderíamos de forma violenta? Se pensarmos na não violência como uma proibição na expressão de agressão e violência, não estaremos também envolvidos numa agressão contra nós mesmos? Judith Butler propõe: Podemos impedir-nos a nós mesmos de agir violentamente, mas não poderíamos nunca tornar-nos seres absolutamente não violentos, se o que queremos dizer com isto é livrarmo-nos de toda a agressão, ou violência, como quer que seja que o expressemos. Há, portanto, uma questão que se levanta: Podemos nós pensar uma não violência fora do discurso da proibição ou da lógica da proibição; ou se precisamos da proibição e pagar o preço por ela? Porque é que há este sofrimento que vem com a vida, e sobre o qual não há muito que possamos fazer? Há o sofrimento a que estamos sujeitos como corpos; As fracas

regulações; E o que Freud indica como uma natureza incontestável (death drive). No geral a vida como a encontramos é demasiado difícil para nós. Nunca estamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos. O amor como uma suspensão temporária do Ego. O amor não discrimina. Quando amamos, amamos algo ou alguém? Quem amamos, amamos esta pessoa pelas suas características ou pela sua singularidade? Amamos isto ou aquilo em alguém ou amamos radicalmente alguém? Fall in love ou Tomber Amoureuse: Cair no Amor. Não há amor sem uma queda. A partir do momento em que possa dizer amo por isto ou por aquilo, não é amor. A violência divina deve ser concebida no sentido preciso do velho dito em latim: Vox populi, vox dei: voz popular, voz de deus. Se é extra-moral, não é imoral. É um meio sem um fim. A violência divina pertence à ordem do evento: como tal, o seu estado é radicalmente subjetivo, é o trabalho de amor do sujeito. Como dizia Che Guevara: «Hay que endurecerse sin perder jamás la ternura» (Há que endurecer, sem perder nunca a ternura) Ou parafraseando Kant e Robespierre: amor sem crueldade é impotente, crueldade sem amor é cega, uma paixão de pouca dura que perde a sua chama - precisas de amar com ódio. A noção de amor está no domínio fora da lei (poder legal), o domínio da violência que não fundamenta a lei, nem a sustém, é o domínio do Amor.

A paz perpétua seria o equivalente a um cemitério. Nós não somos construídos para a paz, não conseguimos realmente aguentar uma coexistência pacífica. A coexistência é em si agressiva. Temos de dar o salto do narcisismo para a capacidade de nos identificarmos com o outro. Poderemos sair de nós e como que «atirar uma corda, um cabo, para o outro?» (Avital Ronell) Freud diz-nos de forma pessimista que talvez isto seja impossível. Pensemos no momento escandaloso em que Derrida, ao ler Levinas, aponta que o outro quer por vezes ser violentado. No entanto uma pessoa precisa de ser abanada, precisa de um estímulo, que é sempre de uma forma de passar o risco para vir à vida (come to life). Violentação no sentido de um abanão que nos acorda, dado pelo outro, que é em si, uma violência. Precisamos de levar uma bofetada para a vida, uma espécie de onda libidinal (libidinal surge). A Death Drive pode ser compreendida pensando na vida como um caminho seguro para a morte. O caminho em direção à morte e autodestruição. Esta death drive é extremamente importante para a contestação dos

regulamentos sociais da sexualidade. A death drive impede-nos de viver o equivalente ao cemitério. Os homens não são criaturas gentis que querem ser amados e que podem defender-se em último reduto quando atacados. São, pelo contrário criaturas com características instintivas, com uma poderosa parte de agressividade. Como resultado, o vizinho/ o outro (l'autre) não é apenas um potencial ajudante ou objecto sexual, mas também alguém que o tenta a satisfazer a sua agressividade, explorar o seu trabalho sem compensação, roubá-lo, usá-lo sexualmente sem consentimento, causar-lhe dor, torturá-lo e matá-lo.

O homem é um lobo para o homem. Por regra, esta agressividade cruel aguarda algum tipo de provocação. Os horrores das guerras mundiais e agressão aos migrantes, a exploração dos países subdesenvolvidos em detrimento dos países ricos, que enriquecem precisamente às custas desta exploração são claros exemplos disso. A existência desta inclinação para a agressão que podemos identificar em nós mesmos e assumir estar presente nos outros é o que perturba a nossa relação com o vizinho e que força a civilização em enormes despesas de energia. A instituição da propriedade privada dá poder ao indivíduo e incita ao mau tratamento do outro por parte do que tem este poder. A questão para a espécie humana parece ser, nos termos de Freud, se e até que extensão o seu desenvolvimento cultural sucederá em controlar os distúrbios da sua vida comunal, pelo instinto da agressão e autodestruição. «Pode ser a este respeito que o tempo presente mereça um interesse especial. Os Homens tomaram controlo sobre as forças da natureza de tal forma que, com a sua ajuda, não teriam dificuldade em exterminar-se uns aos outros até ao último. Eles sabem disto e, portanto, daí vem uma grande parte da sua inquietude, infelicidade e ansiedade. E agora seria de esperar que o Eros eterno empenhar-se-á num esforço para combater o seu adversário mortal. Mas quem poderá prever o seu sucesso, e o resultado desta luta?» (Freud)

Excerto de Crises Humanitárias? Reflexões sobre a Violência

Publicado na *Douceur & Idiot*